

---

## O DOMÍNIO MIDIÁTICO DO MEDO <sup>1</sup>

nas "pacificações" das favelas no Rio de Janeiro.

Adriano Miranda Vasconcellos de Jesus<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Universidade Anhembi-Morumbi (UAM-SP)

### Resumo:

O presente texto propõe uma leitura das mediações além dos meios, intrínseca às estratégias midiáticas de poder do Estado. Do ponto de vista empírico, são estudados os fenômenos de comunicação dos episódios de pacificação das favelas do Rio de Janeiro onde Estado e mídia reunidos, desenvolvem um papel fundamental em uma estratégia de governabilidade. A pesquisa busca compreender o que está oculto neste processo de mediatização exuberante do medo, quais cenários emergem destas estratégias de poder das imagens técnicas e por fim apresentar qual dinâmica de reação ou superação dos códigos mediatizados ocorre nestas regiões, palco da atuação mediatizada do Estado.

**Palavras-chave:** governabilidade; mediação; medo; política; mídia.

### Texto do trabalho

O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado "As estratégias de poder nas imagens - a construção midiática dos territórios do medo", apoiado pela bolsa Capes/Prosup, inserido no programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Espacc (Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura).

O atual processo de ações de governabilidade no Brasil tem como premissa a presença midiática. Desta forma, a linguagem da cobertura midiática do processo de "pacificação" das favelas do Rio de Janeiro, principalmente a cobertura e atuação midiática das operações no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Rádio e TV e Bacharel e Direito, doutorando da PUC-SP, bolsista da Capes e pesquisador do grupo ESPACC- Espaço- Visualidade/Comunicação-Cultura, certificado pela PUC/SP junto ao CNPq. Professor de Comunicação Social na Universidade Anhembi Morumbi (UAM-SP) e Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom-SP)

---

Complexo de Favelas do Morro do Alemão, se tornaram emblemáticas para a compreensão da transformação dos processos de comunicação e política.

O complexo de favelas na região metropolitana carioca dominadas pelo medo do poder narcotráfico e suas ramificações criminosas formam um marco geopolítico que desafia a governabilidade, pressionando o Estado a criar novas estratégias de atuação. Um território que contém a ambiguidade de ser uma região de exclusão, porém inserida em uma das regiões mais nobres da cidade. Neste território, o medo se apresenta como uma dimensão complexa; cuja ambivalência gera o medo derivado dos fatores reais (narcotráfico, ameaças e violência) e o medo implantado e potencializado pela imagem midiática. O interesse da pesquisa reside neste medo implantado que surge a partir do ambiente comunicativo em que vivem os habitantes, é recuperado e ordenado espetacularmente pelas mídias de massa, se expande pelos processos de comunicação (espontâneos ou não) e se dissolve na cultura cotidiana destes espaços

A pauta global dos meios de comunicação no início dos anos dois mil foi marcada pela presença do medo como componente das grandes cidades. Mesmo antes do atentado terrorista contra as torres gêmeas em setembro de 2001 em Nova York, o tema "medo nas metrópoles" já provocava uma ressonância de escala global. Na América Latina, os estudos sobre as cidades traziam para a escala local o fenômeno cultural gerado pelo medo. Desta matriz, partem temas secundários como a insegurança, violência urbana, imaginário, prisões, topofobias, condomínios fechados, o tráfico de drogas, as favelas e seus processos de governabilidade. As ciências humanas da América Latina trataram a relação "medo e as cidades" nos estudos antropológicos (VERGARA FIGUEROA), geografia humana (CHUMILLAS), sociologia culturais (CANCLINI), históricos (DELUMEAU), psicológicos e imaginários. Na Colômbia, o semiólogo, antropólogo e filósofo Jesús Martin-Barbero escreve *La ciudad: entre medios y miedos* consolidando o vínculo do medo com os meios de comunicação. O tema do medo recebe relevo científico na Europa após o outono de 2005 com a revolta das periferias francesas gerando uma série de trabalhos (VIALA y VILLEPONTOUX, 2007). O campo da comunicação social, por sua vez, não deve restringir o medo das análises discursivas nos produtos de massa, mas deve contextualizá-lo em suas dinâmicas camadas sociais.

---

Diante destes fatores a pesquisa procura detectar quais elementos recorrentes das estratégias de poder das imagens apontam uma tendência de ação do poder? Com isso, partindo dos códigos e estrutura desta mediação qual a dinâmica de reação e superação deste código ocorre nestas regiões? Por fim delimitar o que está oculto neste processo de mediatização exuberante do medo?

Neste artigo foi objeto de análise os dois polos estabelecidos pela comunicação nas mídias de massa do processo de "pacificação" das favelas no Rio de Janeiro, iniciado em 2008, que contou com seu auge na "Retomada do Complexo do Alemão" em novembro de 2010. De um lado, o Estado representado pela sua estrutura bélica, seus dirigentes de segurança pública, especialistas, funcionários das forças armadas, policiais de todas instâncias, amplamente apoiados e secundados pela mídia. Em outro polo, diametralmente oposto, figura a classe dos criminosos, traficantes e sua capilaridade organizacional. Os habitantes deste território eram vistos como uma massa de pessoas oprimidas pelo medo e passivo ante o poder do narcotráfico.

Estes polos inserem e preservam, nos produtos midiáticos, estruturas discursivas rígidas sobre o conceito de crime e legalidade, legitimidade e ilegalidade, caótico e o ordenado. Evidenciam que para tal operação criou um plano de atuação, tal como em uma operação de guerra, porém com uma dinâmica mais sofisticada. A projeção da ação estatal criou uma imagem da "favela pacificada", um modelo imaginado para o território utilizando uma gama de medidas administrativas, policiais, jurídicas, urbanísticas, comerciais, morais e midiáticas com uma função de responder uma urgência social. O modelo imaginado para alcançar deve manipular a relação de forças existente no local, orientando para certa direção que beneficie os dois polos, sem prejuízo para as vítimas, porém com uma extraordinária repercussão midiática para os dois lados em confronto. Esse conjunto de estratégias evidencia e se inscreve em uma relação de poder, tal como no conceito de *dispositivo* criado por Michael Foucault (1966), atualizado por Giorgio Agamben que o ampliou como mecanismo político contemporâneo. *Dispositivo* passa a ser “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”(AGAMBEN, 2009, p.40).

Para a consolidação do modelo de "favela imaginada" o Estado deveria dominar a "favela imaginária" dos moradores com sua multiplicidade de representações e significações. O medo seria então um vetor conjuntista e identitário (CASTORIADIS, p.388) que atuaria no domínio mediativo do território garantindo a eficiência do projeto da "favela imaginada". Enquanto isso na esfera da "cidade imaginária", os domínios psíquicos e do social-histórico dos habitantes são afastados das multiplicidades inconsistentes em prol de uma realidade que une e os relaciona entre si. Essas significações imaginárias do espaço possuem a lógica magmática (magmas) desenvolvida por Cornelius Castoriadis como o elemento central deste imaginário radical, entendido como a "condição de existência" do mundo humano, individual e social, e que sem este a história é "impensável e inconcebível".

### **Os Domínios do Medo**

A forma de exercício do poder (interno ou externo) nas regiões de favela consiste prioritariamente na gestão estratégica do imaginário do medo nos habitantes. O medo é um sentimento que é gerado na percepção de uma ameaça real ou imaginária. A consciência de um perigo iminente e conseqüentemente um sentido de preservação e conservação pessoal, característica fundamental para viver em regiões de risco. Podemos entender que o medo é mediado por processos cognitivos e de representação. Caso um perigo não seja percebido sensivelmente pelo corpo como ameaça, mesmo que ele exista, não adquire um caráter de origem do temor. Porém esta percepção do medo depende do aprendizado constante do código da ameaça, em um processo onde o sujeito realiza constantemente atualizações perceptivas sobre quando, como, quem e o que o ameaça. Gerando consecutivamente um estado tenso no cidadão que necessita interagir com o meio, as pessoas e identificar seus códigos de alerta para a manutenção de sua segurança. Além destas informações espontâneas, o cidadão convive com as representações midiáticas das ameaças sociais que compõem os meios de comunicação, os discursos políticos, o mercado das empresas de segurança entre outras incidências em seu cotidiano. Assim, o indivíduo forma seu conhecimento sobre o medo e cria um circuito de informação e comunicação, organizando suas experiências e as experiências das pessoas com quem interage. O medo tem sua origem na percepção sensorial do indivíduo mediado por um sistema nervoso que, somado a processos cognitivos, se aperfeiçoa e qualifica em processos de interação com o meio e com as pessoas.

As estratégias que visam dominar e controlar o sentimento do medo inscreve-se de tal forma no imaginário do indivíduo que empalidece e desestimula quaisquer interação ou reação do medo. O medo categorizado e conhecido torna-se uma angústia determinada e unidimensional levando a criação de diversos traumas e limitações, nos casos extremos.

Os estudos neurológicos apresentam que as imagens mentais produzidas pelas emoções quando antecipam cenas possíveis e suas conseqüências provocam modificações corporais importantes. Essas esquematizações mentais como: "Não sairei de casa pois posso ser assaltado", "Vou ser atingido por uma bala perdida" e outras imagens produzem ao mesmo tempo uma alteração real da função motora somática. Resumindo; o circuito do medo em um primeiro momento forma o "plano cognitivo" (pensamentos, comparações, recurso da memória e armazenamento), juntamente aciona emoções como se o evento imaginado estivesse ocorrendo no real (ALVARENGA, 2007, P.59). O corpo por sua vez reage (vísceras e músculos) gerando no indivíduo uma emoção sensorial que o conduz a decidir se vai ou não seguir o plano imaginado conforme o estado emocional (ALVARENGA, 2007, P.59). Experimentos científicos têm sugerido o papel da amígdala nesse processo. Essa região do cérebro relacionada as emoções principalmente as relacionadas a proteção e ao risco, é altamente vinculada com a parte cortical do cérebro ligada à decisão cognitiva e à razão (HOLT, 2008).

### **A dupla face da mediação do medo**

As ações de governança das grandes cidades brasileiras possuem características antagônicas simultâneas onde limitam, dificultam e restringe o modo de vida dos cidadãos das áreas periféricas ao passo que criam benefícios superficiais que poderão ser utilizados como tema de campanha política futura. Uma ambivalência de sentido político nas estratégias de governabilidade destes territórios que são o ponto de convergência dos conflitos sociais e fenômenos de complexidade cultural que norteiam as atuais discussões sobre a atuação do Estado.

Na periferia das grandes cidades, eclodem novos desenhos do habitar e são o laboratório de experiências urbanas e perceptivas do Estado. Considerado como o mercado emergente do consumo e da comunicação de massa os habitantes das favelas e periferias adquirem aparatos tecnológicos que modelam o seu cotidiano. Compram televisores e cercam de telas seus lares e comércios, buscam serviços clandestinos de canais a cabo e adquirem celulares com conexão de internet. Imprimem novos usos, distorcem e alteram os meios de massa. Procuram participar da cidade que os exclui espacialmente nas brechas das possibilidades patrocinadas pelo meio digital. Os fenômenos das redes sociais com seus perfis e avatares possibilitaram criar outras formas de relacionar com os habitantes da cidade formal. Essa transformação impulsionou o Estado a incluir em suas estratégias o componente midiático ao seu favor nas operações nas regiões de favela e periferia.

Para compreender o que está oculto neste processo de mediatização espetacular do medo precisamos utilizar comparativamente os dois polos estruturados pelos discursos midiáticos. A imagem técnica é o elemento que estabelece a dialética entre um polo e outro. Sendo que em um polo localiza o poder informal e orgânico inerente ao território da favela, e o outro o poder formal do Estado, e da polícia sem ligação com o espaço mas com um grande potencial midiático. Entre estes dois poderes está a mídia que desempenha um papel duplo de servir ao mesmo tempo os dois poderes. Porém no início desta articulação era somente o Estado e o narcotráfico. Atualmente, a mídia ao prestar o serviço de visualidade midiática exerce e constitui um outro poder. E na relação entre essas forças os moradores destas regiões figura o papel do indefeso e submisso.

### **O lado obscuro do poder formal**

Desde 1999, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro tenta implantar um modelo de policiamento comunitário nas favelas do Rio de Janeiro, após o conhecimento do Método Koban<sup>3</sup> de origem japonesa. O "Mutirão da Paz" foi uma dessas iniciativas que optava por alternativas às incursões bélicas às favelas e áreas pobres. Desenvolveu então um modelo alternativo que oferece às áreas o serviço público de

---

<sup>3</sup> Método Koban consiste no conjunto de práticas e estratégias policiais comunitárias, utilizadas em diversas cidades do Japão e presente em países como EUA, Taiwan e Coréia do Sul.

segurança nos mesmos moldes aos bairros de classe média. É a entrada do policiamento e vigilância no território de forma efetiva e duradouro. Na ideia de base, o policiamento comunitário deve se moldar e mimetizar a realidade local em um processo de contínua interação. Os problemas e conflitos sociais deveriam ser vistos sob o ponto de vista do local, sem prévias interpretações com intuito de evitar confrontos. Nesta metodologia o poder discricionário da polícia deveria ser flexível e, portanto a urgente necessidade de preparo nos quadros policiais.

No plano imaginado por esse modelo, uma vez desmantelado o crime e seus grupos, enfraqueceria em cascata sua rede de articulação na sociedade, não passariam do poder do tráfico para o poder policial, mas seriam submetidos aos direitos constitucionais com seus deveres e penas. Assim, todos os serviços públicos deveriam ser providos, sem mais desculpas ao Estado de obstáculos para fornecer suas obrigações a começar pela segurança, saúde e educação. O nome "Mutirão pela Paz" fazia alusão ao Bope (Batalhão de Operações Especiais) que anunciava publicamente sua ação para evitar confrontos. O projeto funcionou durante um rápido período, mas foi suspenso pois a visibilidade do projeto poderia criar novas lideranças locais e não produzir o efeito político desejado. Em 2007, com o apelo dos Jogos Panamericanos, um grupo de empresários interessados na consolidação da cidade para eventos de grande porte, nos moldes *think tanks*, apresentam ao Governador do Estado um projeto que analisava os erros anteriores e explorava a mediação da operação até a saturação em prol de investimentos políticos e sociais. As ações de implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) iniciadas em 2009 e foram amplamente apoiadas e secundadas pela mídia em geral. O elemento mais icônico desta ação foi o projeto de Intervenção Urbanística do Complexo do Alemão (IUCA) cujo ponto alto foi a construção de um icônico teleférico que alteraria traçados, trajetos e fluxos nas favelas do Rio de Janeiro. Para tal seria necessário um profundo e efetivo saneamento midiático da imagem estatal, uma ação à altura do monumento físico a ser construído, uma estratégia ostensiva do poder estatal cuja lógica perceptiva torna coerente os investimentos na área. O momento era ideal, desde o início de 2010 a mídia apontava em seus editoriais uma crise na segurança pública no Brasil, ao mesmo tempo em que comemorava a eleição da cidade do Rio de Janeiro (02 de outubro de 2009) como sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

---

## **A sofisticação do poder informal**

A histórica falta de interesse do Estado em fornecer seus serviços nas áreas de favela criou um ambiente propício para a fundação de um poder criminoso paralelo, que utilizava a forma caótica como escudo protetor e dissimulador de suas operações. Nos últimos trinta anos, a história do Complexo de Favelas do Morro do Alemão se confunde com a história do narcotráfico no Brasil e serve de parâmetro histórico. Inicia com os primeiros "malandros" e golpistas que viam ali uma estabilidade para estar próximo à cidade, porém fora do alcance da polícia. O tráfico de drogas insere neste ambiente um cenário ambíguo que concomitante repele e atrai pessoas. Em torno dos pontos físicos de venda e distribuição da droga estabelece uma malha cada vez mais intrincada de caminhos dificultando e protegendo os criminosos. A margem de lucros e a fragilidade do sistema permite a entrada de policiais nesta estrutura armando os traficantes e qualificando-os para operações aos moldes militares. Surgem grupos poderosos como Comando Vermelho e Terceiro Comando que atuam a princípio exclusivamente na comercialização das drogas.

Nos labirintos das ruas e vielas da favela surgiu um poder inerente ao espaço. Um vínculo simbiótico onde um dependia do outro. A dificuldade de acesso de entrada e saída ao interior da favela facilitou a estrutura de acobertar fugitivos ou bandidos. Além do benefício da difícil topografia, a caótica forma de seu traçado agrega ao estímulo do tráfico o apoio de policiais corruptos. Esse apoio policial vendia arma, fornecia logística e suporte para atuação do traficantes. Porém o poder do tráfico é irracional, depende de uma rede de confiança que se forma sob ameaças, a distribuição é fixada pelo ponto de venda e base operacional, desta forma o tráfico nas favelas do Rio se estruturava da pior forma, mais cara, frágil, arriscado e com maior necessidade de pessoas.

A reconfiguração do crime na cidade do Rio de Janeiro (ALVES, 2010) inicia em 2005 alterando os espaços ocupados antes pelo narcotráfico. As formações das Milícias sofisticaram a atuação dos criminosos, não interrompendo o tráfico, mas incluindo em sua lista de negócios o transporte clandestino, negociação e especulação imobiliária, venda de botijões de gás, TV a cabo pirata, venda de votos e, principalmente, fornecimento de "segurança". A economia do tráfico desde 2008, com a implantação das UPP's (Unidades de Polícia Pacificadora), se modernizou (SOARES, 2011). Analistas em segurança pública



apontam que diante da inviabilidade de extinguir o negócio das drogas, o efeito se dará visualmente pela redução das armas em circulação e pelo despotismo a que são submetidas tantas comunidades.

A tipificação criminosa se formalizou junto com o ambiente, na esfera penal o tráfico de drogas possui em todas as suas instâncias a marca da ilegalidade e do crime. Da produção da matéria prima até distribuição o tipo penal inclui como passível de aplicar pena. Na inclusão de outros negócios pelos criminosos alteram a percepção do crime pois apenas uma das instâncias configura o tipo penal, como por exemplo no caso das milícias e na distribuição clandestina de botijão de gás. Desta maneira o crime utiliza a mesma lógica formalizante do estado.

### **Infantaria Midiática**

A primeira ação de grande porte de pacificação do Complexo de Favela do Alemão iniciou nas primeiras horas do dia 28 de novembro de 2010 a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro com 1,2 mil homens, 400 policiais civis e 300 policiais federais e 800 militares do exército, além de 30 carros blindados da polícia civil, militar e marinha estavam posicionados estrategicamente nas entradas do Morro do Alemão. A ação contou com uma estratégia que abrangia: inteligência militar, atuação prévia na área, alerta midiático, intervenção urbanística (iluminação, limpeza e asfalto), alteração do fluxo (obra do teleférico, ícone da ação) e a visibilidade midiática (visita de celebridades).

Ao final desta operação, as bandeiras do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro foram hasteadas sobre a estrutura do teleférico, ponto mais alto do Complexo do Alemão, com a intenção de criar um símbolo da eficiência estatal. Um êxito da campanha integrada Estado e Mídia. Com a repercussão positiva, o governo federal e estadual foi motivado a repetir a operação nos meses subsequentes atuando em outras regiões cariocas como: Morro da Mangueira (janeiro de 2011), Complexo do São Carlos (fevereiro de 2011) e Morro do Vidigal e Rocinha (novembro de 2011) todos apoiados pela mídia. Atualmente, a mesma campanha tem sido articulada em outros estados como Bahia e Paraná.

Nesta operação de retomada para o início de implantação das UPPs, a mídia foi alinhada com os interesses do Estado tendo como discurso a reparação de um problema histórico nas regiões periféricas do Rio de Janeiro. Convém ressaltar que, anteriormente, o próprio Estado homologou a "guerra ao tráfico" como medo coletivo valorizando sua atuação social de combate porém, percebeu que tal situação apenas enfraquecia sua imagem, percebida como serviço de controle e vigilância.

Podemos compreender que a ação política do Estado em situações extremas, como a "guerra" pode ser visto como uma medida preventiva e contínua, outorgando ao Estado um poder desejoso de desastre, tornando pública a reduzida capacidade de resistência das forças opostas ao Estado. Neste momento, o discurso midiático sob a égide da "Guerra ao Tráfico" é um propulsor do imaginário que empalidece a reflexão ou discussão e cria um *Estado de Exceção*. As consequências apontadas por Toni Negri (2007) aponta a intenção do Estado em manter essa operação de guerra: "en más, nos encontramos ante una situación caracterizada por el triunfo de la fuerza que ha decidido esta guerra y que planea mantenerla" (p.123). Assim o *Estado de Exceção* quando um conflito social é provocado torna-se a regra absoluta de atuação do Estado. No caso, uma saída que se afasta da ideia original de policiamento comunitário e integrativo.

### **O oculto na mediatização do medo**

Por trás da mediatização do medo nos meios de comunicação de massa, nas intervenções urbanas e nas demais imagens técnicas direcionada para a urgência do problema social do crime nas favelas do Rio de Janeiro não está um sujeito detentor de todos os recursos para emitir a mensagem que se comunica, mas um processo em evolução que traduz e padroniza do códigos encontrados ambientalmente e se constitui pela própria comunicação.

Pela lógica mediativa, as ações são caracterizadas pela visualidade espetacular (DEBORD, 1997) das imagens técnicas, mediatizadas ou não, como o caso das intervenções urbanas. Assim, a imagem técnica não estabelece polos opostos, mas sobrepostos e os dois se valem da mesma imagem para ordenar a visualidade do poder, de um lado o estado que usa reurbanização e mídia para eficiência do seu serviço público e o crime por sua vez utiliza a

mesma imagem técnica para sofisticar suas práticas e adicionar novas possibilidades para sua atuação. Estado e o crime se servindo do domínio mediatizado do medo inserido nas imagens técnicas.

As Unidades de Polícia Pacificadora formam uma imagem criada estatal para ordenar o espaço e seus usos, não exclui a Polícia Militar com suas complexas estruturas de corrupção, não combate as formações e domínios de Milícias e nem qualquer outra forma de poder espontâneo. Mascara a indissociabilidade entre o crime e a polícia alterando os modelos conhecidos e sofisticando a relação entre as partes. Por outro lado, possui um caráter instrumental do Estado, padronizador de códigos de conduta, tem uma função anti-comunicativa e unidirecional, características presentes no paradigma da mediação nos processos comunicativos.

Diante desta imagem não há espaços para interação. De tão exuberante e tão alta definição, a espetacularização desta imagem (DEBORD, 1997) se sobrepõe a qualquer questionamento crítico da recepção. Essa imagem vem com um discurso fechado como um dispositivo, porém com uma ambivalência que serve para os dois lados. Pressupõe-se que há um interesse maior das duas partes que supera as leis e a legitimidade, a ética e a lógica política. Com esse interesse confrontado há uma padronização nos códigos dos polos sobrepostos e aparentemente opostos. Assim o domínio mediatizado do território vitimado e fragilizado ordenaria as estruturas criando alças governáveis onde todas as culturas dirigentes do local se beneficiariam desta imagem, não só pela governabilidade, mas pela alteração do imaginário, que teria efeitos a longo prazo.

### **Tendências e cenários emergentes**

**A expulsão da rua:** A mediatização do imaginário do medo tem como consequência os processos e práticas cotidianas que fazem as pessoas se sentir compelidas a se resguardar em seus pequenos espaços privados e projetar sobre essas casas um imaginário de segurança e proteção. Se a televisão atrai é porque em boa medida a rua expulsa (MARTIN-BARBERO, 2000). A comunicação interativa das ruelas, vielas, becos e pontos de comunicação são substituídas por praças sem espaços para ociosidade, com ampla visibilidade para melhor proteção e vigilância. Assim os momentos de ócio e encontro se dá na televisão e nas outras

imagens técnicas produzidas. Compõe essa estratégia, a instalação de redes wi-fi nas favelas<sup>4</sup> e o programa da Embratel de regularização popular dos canais a cabo<sup>5</sup>. O teleférico<sup>6</sup> construído no Complexo de Favelas do Alemão é um exemplo desta imposição da imagem técnica, síntese do desenvolvimento e impacto no imaginário da população que tende a eliminar o fluxo orgânico do trânsito das pessoas e inserir, no ambiente, outras pessoas sem relação com o espaço.

**O inóspito como estratégia:** A inserção de novas pessoas, turistas, celebridades e policiais neste ambiente é a "estratégia do inóspito". Segundo a definição de Vilém Flusser (1982 e 1983) o outro é o estranho, estrangeiro do lugar, ele é o inóspito. Da etimologia, inóspito é semelhante a inospitaleiro, a falta de hospitalidade. Do latim *hospes itis*, ou seja aquele que recebe o estrangeiro (*hostis*). Deriva-se dela palavras como hospital e hospício. Assim a etimologia sugere a implicação do espaço, alguém que está em trânsito e o estrangeiro, ou o inimigo (hostil). O desafio dos estudos das cidades e o medo na passagem para este século reside no desafio do indivíduo e suas relações e interações com o outro, o estrangeiro e o diferente.

No caso em análise o outro se insere no "medo imaginado", ou seja planejado pelo poder político e midiático do medo, relacionado com questões como desenvolvimento e turismo do espaço. O medo por sua vez é inerente ao modo de habitar e de comunicar. Ambos são expressões de angústia cultural. No primeiro momento, a angústia que é proveniente da perda do sentimento coletivo do espaço é dominada, passo a passo, por um urbanismo racional, formalista e comercial. Perde-se o referente da paisagem familiar em que se apoia a memória coletiva e que forma o imaginário.

Esta dificuldade de superar o obstáculo do outro é uma problema crônico dos espaços das cidades. Quanto mais se reduz o espaço e a distância entre as pessoas, maior importância é atribuída a ele. No caso das favelas, quanto mais depreciado o espaço, menos protetora é a

---

<sup>4</sup> O programa de internet digital por Wi-fi, por sua vez, prevê um investimento de R\$ 5,5 milhões e cobrirá três milhões de metros quadrados partindo de 257 antenas emisoras e será de responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>5</sup> A Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos e a Embratel criaram o "Via Paz", um pacote de TV por assinatura ao custo de R\$ 29,90 para combater o serviço clandestino, popularmente conhecido como "gatonet".

<sup>6</sup> O teleférico abrange um trajeto de 3,5 km, possui seis paradas custou cerca de R\$ 210 milhões e faz parte do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) iniciado no governo Lula.

distância e conseqüentemente gera, nos cidadãos, um desejo de traçar e deslocar fronteiras entre as pessoas. Demonstra-se que as cidade se tornaram depósitos de *estrangeiros* nos quais se procura *desesperadamente soluções locais para problemas produzidos pela globalização* (BAUMANN, 2005). Como consequência pode alavancar nas cidades a mixofobia e a mixofilia, descritos pelo geógrafo Steven Flusty como o medo de misturar-se, levando a uma busca de estilos de vida em "espaços protegidos" e "vedados" das zonas residenciais, que traria uma falsa solução para este problema.

### **Conclusão**

Para a compreensão dos transformações sociais urbanas é preciso observá-los como processos de comunicação, *necesitamos pensar cómo los medios se han dia convirtiendo en parte del tejido constitutivo de lo urbano, pero también cómo los miedos han entrado últimamente a formar parte constitutiva de los nuevos procesos de comunicación.* (MARTIN-BARBERO, 2000, p.30)

Ao passo que estabelece uma visibilidade midiática dos dispositivos, a exposição espetacular das imagens técnicas o crime se aloja na invisibilidade. E criam entre si uma relação que quanto mais espetacular as imagens dos dispositivos mais invisíveis se tornam o crime. Este cenário de aparente ordenação propõe estruturas emergentes sofisticadas de auto-organização. Não apenas o crime emerge deste cenário, mas outras tendências em um prognóstico da comunicação, com suas camadas de interação, de suma importância para a compreensão da política de governabilidade das cidades.

O conjunto de dispositivos heterogêneos que visam controlar e modificar a percepção dos serviços sociais do estado utilizam o medo manifestado na espetacularidade midiática. De tal forma se dá o impacto que resulta no enfraquecimento dos impulsos de reação ou superação da mediação. Há uma inércia dissolvida dos códigos no cotidiano das pessoas gerando um processo anticomunicacional por excelência. O habitante assume como imaginário próprio a busca de uma estabilidade das coisas, permanência das relações e a continuidade das instituições em oposição ao medo ostensivamente apresentado. Essa sedentarização do cidadão em relação aos seus desejos possui sua raiz nos processos dinâmicos do cotidiano dos habitantes da favela, criando assim uma bipolaridade. Portanto

---

*nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente* (MAFESOLI, 2001, p.79). Como consequência:

O problema, porém, é que, com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana. A alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas a maldição do tédio. É possível derrotar o medo e ao mesmo tempo suprimir o tédio? (BAUMAN, 2005, P.68)

Observamos que há um grande prejuízo em compreender os processos de comunicação estudando apenas os meios de comunicação e o que eles fazem. Imprescindível entender o efeito concreto dos meios de comunicação nas pessoas, nos seus imaginários e em suas crenças. Importa atualmente as transformações dos modos urbanos de comunicar e a mudança do espaço público, as relações do público e do privado, a tensividade da "cidade imaginada" com a "cidade imaginária".

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é Contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALVARENGA, Galeno. **O poder das emoções**. São Paulo: G.P.M.A., 2007

ALVES, José C. S. **Violência no Rio: a farsa e a geopolítica do crime**. Revista Carta Capital, 29 nov. 2010. Coluna do Leitor.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANCLINI, N. García. **Imaginarios urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Uerj, quarta edição, 2006.

\_\_\_\_\_, Jesús. **"La ciudad: entre medios y miedos"**. En: ROTKER, S (Org.). Ciudadanías del miedo. Caracas: Nueva Sociedad, 2000.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FLUSSER, Vilém. **O Universo das Imagens Técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_, Vilém. **A Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo, 1983

FLUSTY, Steven. *De-Coca-colonization: making the globe from the inside out*. Londres: Routledge, 2004.

HOLT, Doug. **The role of the amygdala in fear and panic**. WebReport#2, Neurobiology and Behavior, Bryn Mawr College, Pennsylvania, 01 ago. 2008. Disponível em: <<http://serendip.brynmawr.edu/exchange/node/1749>>, acesso em 08 maio 2012.

MAFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**. São Paulo: Ed. Record, 2001

NEGRI, Toni. **Guerra, Resistencia, Ejercicio del Común**. In: HARDT, M. e NEGRI, A. (Org.) **Multitud y la Guerra**. México: Era, 2007.

SOARES, Luiz Eduardo. **A crise no Rio e o pastiche midiático**. Blog de Luiz Eduardo Soares. Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. Disponível em: <<http://luizeduardosoares.blogspot.com/2010/11/crise-no-rio-e-o-pastiche-midiatico.html>> . Acesso em 28 abr. 2012.

\_\_\_\_\_, Luiz Eduardo. **Além do bem e do mal na cidade sitiada**. Jornal Estado de São Paulo, São Paulo, 20 nov.2011. Caderno Aliás, p.2.

VERGARA FIGUEROA, A. **Imaginarios: horizontes plurales**. México: CONACULTA, 1992.